

O RETRATO
DE DORIAN
GRAY

AMOSTRA
OSCAR
WILDE

ILUSTRAÇÕES de Loren Bergantini

TRADUÇÃO de Vinicius Rocha



Rio de Janeiro, 2024

SUMÁRIO



O Retrato de Dorian Gray – Oscar Wilde, vii	Capítulo 10, 134
	Capítulo 11, 144
O Prefácio, 1	Capítulo 12, 162
	Capítulo 13, 170
Capítulo 1, 4	Capítulo 14, 180
Capítulo 2, 20	Capítulo 15, 196
Capítulo 3, 38	Capítulo 16, 206
Capítulo 4, 52	Capítulo 17, 218
Capítulo 5, 70	Capítulo 18, 226
Capítulo 6, 84	Capítulo 19, 238
Capítulo 7, 94	Capítulo 20, 248
Capítulo 8, 108	
Capítulo 9, 122	Sobre o Autor, 255



O RETRATO DE DORIAN GRAY – OSCAR WILDE

Oscar Wilde antecipou em mais de cem anos algo que é bastante comum em nossos dias: ele foi uma celebridade, mais famoso por quem era, como agia e o que dizia do que pela obra artística que criava — e isso mesmo tendo sido um dos artistas mais brilhantes de seu tempo e produzido uma obra excepcional. Wilde não temia chocar as pessoas. Até que, talvez, tenha ido longe demais na conservadora sociedade em que vivia, e pagou um alto preço por isso. Antes de falar disso, vamos voltar um pouco no tempo.

Quando Oscar Wilde nasceu, em 1854, em Dublin, capital da Irlanda inglesa, o Império Britânico era, de longe, a maior potência do mundo, e ainda o seria por pelo menos mais meio século. A derrota final da França de Napoleão Bonaparte, em 1815, tirou do caminho da Inglaterra a única nação europeia que, até aquele momento, tinha o poder de confrontá-la. O Império Britânico foi, em extensão, o maior que o mundo já viu, antes ou depois. Em seu auge, abrangia cerca de um quarto da extensão e da população do planeta, abrangendo, entre outras possessões, os atuais territórios da Índia, Paquistão, Bangladesh, Birmânia, Austrália, Canadá, Nova Zelândia, Egito, Sudão, África do Sul, Quênia, Tanzânia, Nigéria, Hong Kong, Cingapura, Nova Guiné, Jamaica, Guiana, Emirados Árabes, Iêmen, Iraque e, claro, a Irlanda de Oscar Wilde.

O “império onde o sol nunca se põe”, como era às vezes chamado, possuía a maior e mais competente marinha de guerra do mundo, podendo se dar ao luxo de perseguir piratas no Oceano Índico, traficantes de escravizados no litoral do Brasil e, ainda, disponibilizar um navio, como o *Beagle*, para navegar e pesquisar por cinco anos, levando a bordo o jovem Charles Darwin, que mais tarde revolucionaria a ciência a partir das observações feitas durante a viagem.

E o Império começava em casa. Nas Ilhas Britânicas, a Inglaterra dominava as outras nações outrora independentes, como a Escócia (desde 1707), o País de Gales (1284) e a Irlanda (entre idas e vindas, desde 1177). Ao contrário dos dois primeiros, porém, o domínio inglês sobre a Irlanda jamais foi tranquilo. Movimentos nacionalistas existiram desde sempre, e a língua local, o gaélico (que Escócia e Gales, com pequenas variações, também falavam, mas do qual logo abriram mão), era valorizada pelos independentistas. Ironicamente, desde a independência da Irlanda, em 1922, ainda que existam esforços em prol dele, o gaélico vem perdendo cada vez mais relevância como língua nacional, pois os jovens preferem falar o inglês, uma língua muito mais universal, do que o isolado gaélico de seus avós.

Como muitas das famílias da elite local, os Wilde eram uma mescla de irlandeses e ingleses. Enquanto William, o irmão mais velho de Oscar Wilde, flertava com os nacionalistas, esse último não se preocupava muito com o assunto. O que não quer dizer que não valorizasse seu país natal, a ponto de, em certo momento da vida, afirmar que “os melhores escritores ingleses eram, na verdade, irlandeses”, entre os quais ele, sem nenhuma modéstia, incluía a si mesmo. Exageros à parte, e descontando-se a “humildade” de Wilde, ele tinha razão, e não só no seu tempo, pois mesmo avançando-se pelo século XX, os principais escritores “ingleses” continuaram a ser irlandeses, basta citarmos Bernard Shaw, W. B. Yeats, James Joyce e Samuel Beckett.

Com gente do mundo inteiro circulando por suas ruas, a Londres onde Oscar Wilde viveu e escreveu havia se tornado, assim, a metrópole mais cosmopolita e importante de seu tempo, a verdadeira capital financeira e política global, ainda que, de um ponto de vista cultural, Paris ainda fosse mais relevante e Viena conservasse parte do brilho de outros tempos, especialmente na música e na ciência. Mas a cada ano o peso cultural de Londres crescia, e um dos grandes responsáveis por isso, nos campos da literatura e da dramaturgia, foi Oscar Wilde.

Mas nem tudo eram flores. Os ingleses alardeavam sua postura ativamente antiescravista, combatendo intensamente o tráfico atlântico, mas pareciam se esquecer, convenientemente, de que, até poucos anos antes, o Império lucrara muito com a escravidão (tráfico, açúcar caribenho etc.), e que as condições de trabalho nas indústrias britânicas ou no interior da Índia não eram muito melhores do que as de um escravizado na

Jamaica. O famoso “fog”, a charmosa neblina de Londres, era causada por uma terrível concentração de poluentes na atmosfera, fazendo daquela cidade, especialmente nas periferias, uma das mais insalubres do mundo. A desigualdade social era gigantesca, e as condições de vida dos pobres eram possivelmente piores, em Londres e em outras metrópoles britânicas como Manchester, Dublin e Edimburgo, do que em outras grandes cidades europeias; e, finalmente, o longo reinado da Rainha Vitória (1837–1901) foi marcado por um terrível moralismo (ou talvez fosse mais exato dizer: hipocrisia) na área de costumes: a homossexualidade, proibida por lei, era informalmente tolerada, desde que não assumida publicamente e restringida a ambientes fechados. A exibição pública de orientações sexuais “não ortodoxas” era punida com a prisão, especialmente para quem não contasse com a proteção dos poderosos. Esse último aspecto da cultura britânica viria a trazer consequências trágicas para a vida de Oscar Wilde.

OSCAR WILDE

Oscar Fingal O’Flahertie Wills Wilde nasceu em 1854, em Dublin, atual capital da República da Irlanda, na época parte do Império Britânico. Foi o segundo de três filhos do casal Robert e Jane Elgee, e descendia de famílias inglesas e irlandesas. O pai, o mais conhecido cirurgião de olhos e ouvidos da Irlanda, era erudito, dono de hospital, bem de vida e reverenciado, tanto que acabou nobilitado pela monarquia, passando a usar o “Sir” antes do nome. As confortáveis condições financeiras da família Wilde permitiram que os dois irmãos, William e Oscar recebessem educação privilegiada (a irmã, Isola Francesca, morreu na infância). Ainda em casa, aprenderam francês e alemão. Depois, ambos estudaram na Trinity College, a faculdade mais famosa da Universidade da Irlanda. Lá, Oscar aprendeu a ler os clássicos gregos e latinos no original e rapidamente se destacou: foi o melhor aluno da classe, recebeu medalhas e era famoso entre os colegas pela velocidade com que lia (e por conseguir ler ao mesmo tempo duas páginas abertas). Finalmente, no terceiro ano ele disputou — e venceu — um concurso por bolsa de estudos para estudar em Oxford.

Entre 1874 e 1878, em Oxford, enquanto continuava seus estudos de clássicos, Oscar Wilde começava a formar sua personalidade estética,

aquela que viria a ser, nos anos seguintes, sua marca: a arte pela arte, o culto ao belo, a liberdade total do artista diante de questões morais ou ideológicas. Ele mais e mais passou a desprezar esportes considerados masculinos à época, como o futebol, deixou o cabelo crescer, passou a usar roupas exóticas e decorou seu quarto com vasos chineses, girassóis, sedas e penas de pavão. Ao mesmo tempo, ele era conhecido, entre os colegas, por sua velocidade de raciocínio e pela capacidade de soltar, do nada, frases cortantes e de efeito. Oscar Wilde ia criando a persona com a qual, nos anos seguintes, acabaria por se tornar uma celebridade e entrar para a história. Ao mesmo tempo, continuava a se destacar por suas habilidades acadêmicas: seu poema *Ravenna*, por exemplo, levou o prêmio Newdigate, um dos mais cobiçados daquela universidade.

Em 1878, formado, Wilde voltou para a Irlanda, onde seu pai morrera dois anos antes. Baseado em sua excepcional performance estudantil, ele inicialmente cobiçou a carreira acadêmica, buscando uma vaga em Oxford ou Cambridge. Mas as recusas iniciais, provavelmente porque os rivais tivessem padrinhos mais poderosos, o desanimaram. No fim da década, munido da segurança financeira que sua parte da herança paterna lhe proporcionava, mudou-se para Londres. Enquanto escrevia suas primeiras peças teatrais, publicava poemas e artigos para jornais, Oscar Wilde foi se introduzindo na elite cultural da cidade, e em pouco tempo era uma das figuras mais célebres daquele meio.

Em 1882, viajou aos Estados Unidos, onde deu palestras e causou espanto com seu estilo e suas roupas. Para Oscar Wilde, a vida do artista era parte indissociável de sua arte, a moral não deveria limitar a arte e o artista, pois só a beleza contava. De volta à Inglaterra no ano seguinte, logo partiu para Paris, onde viveu por alguns meses. Uma vez em Londres, reencontrou Constance Lloyd, uma moça rica que conhecera dois anos antes, e eles se casaram. O casal viria a ter dois filhos, Cyril e Vyvyan. Constance tinha uma boa renda própria, de origem familiar, a qual, somada aos crescentes ganhos de Wilde com suas peças e artigos, podia proporcionar ao casal uma vida confortável, o que não quer dizer que, em função dos hábitos extravagantes do artista e de sua esposa, com seus gastos com roupas, joias, jantares e viagens, eles não estivessem frequentemente à beira da falência.

Até este ponto, os biógrafos afirmam que Wilde não se via como homossexual, ainda que sua persona pública indicasse o contrário e que

haja registros de reflexões sobre o tema desde, pelo menos, os tempos de Oxford. Alguns dizem que o ponto de virada teria se dado na gestação do segundo filho do casal, quando ele manifestou repulsa pelo corpo grávido da esposa, e um amigo, Robert Ross, o teria introduzido à prostituição masculina. Como essas coisas não eram normalmente registradas abertamente, até porque havia a questão criminal, é difícil saber a verdade precisa dos fatos, mas a realidade é que, a partir daquele momento, Wilde, ainda que continuasse casado, passou a levar uma vida dupla e cada vez mais abertamente homossexual.

A década de 1880 foi bastante produtiva para Oscar Wilde, que, além de continuar a fazer sucesso com suas peças teatrais, escrevia contos, ensaios e artigos para jornal. Além disso, aceitou um convite financeiramente generoso e, em 1887, passou a dirigir e editar uma revista feminina de grande circulação. O nome Oscar Wilde atraía leitores e leitoras, mas os biógrafos indicam que o trabalho de editor de revistas o entediava. Foi também no fim desta década que Wilde começou a trabalhar naquele que seria seu único romance, *O Retrato de Dorian Gray*, cuja primeira versão saiu em uma revista mensal em julho de 1890. Depois disso, Wilde trabalhou em mudanças e ampliações na obra, até a publicação da versão definitiva do livro no ano seguinte. Falaremos mais detalhadamente deste romance um pouco à frente.

A capacidade de criar frases cortantes, um traço de Wilde, presente desde os tempos de estudante, tornara-se agora uma de suas marcas registradas. Algumas delas são repetidas ainda hoje, às vezes sem que se indique o autor. Por exemplo: “falem mal, mas falem de mim”, é uma adaptação de uma frase de Wilde. Outras muito conhecidas são: “Posso resistir a tudo, menos à tentação”, “sempre perdoe seus inimigos, pois nada os irrita mais”, “tudo deve ser feito com moderação, inclusive a moderação”, “eu não sou jovem o suficiente para saber tudo”, “a única diferença entre um santo e um pecador é que todo santo tem um passado, e todo pecador, um futuro”, “viver é a coisa mais rara do mundo. A maior parte das pessoas apenas existe” e “você nunca pode estar bem-vestido demais, nem ser bem-educado demais.”

Em meados de 1891, Oscar Wilde foi apresentado, por um amigo comum, ao jovem aristocrata Alfred Douglas, filho do poderoso Marquês de Queensberry, um entusiasta da caça e do pugilismo (ele foi um dos pais do boxe como esporte moderno). Wilde e Douglas começaram

um romance, algo que desagradou profundamente o marquês. Em fevereiro de 1895, Queensberry deixou um cartão de visitas para Oscar Wilde, com uma frase provocativa, no clube frequentado por este. Deixar Douglas, a alternativa mais segura, não parecia ser uma opção para Wilde. E se ignorasse o bilhete, as provocações seguramente aumentariam. Desafiar para um duelo, mesmo que ainda em prática em outros lugares da Europa, era algo ilegal e há muito tempo em desuso na Inglaterra, sem falar que, caso ocorresse, Wilde seria certamente massacrado pelo belicoso marquês. De um jeito ou de outro, Wilde, contra o conselho dos amigos, tomou a pior decisão possível: processou o marquês por difamação. Rico e influente, Queensberry facilmente inverteu a contenda, acusando Wilde de homossexualidade e de ter corrompido seu filho. Apesentou inúmeras provas (o que não foi difícil, pois discrição jamais foi uma característica de Wilde). Inicialmente, vivendo o auge de seu prestígio, Wilde mostrou desprezo por promotores, juízes e jurados, dando respostas arrogantes e irônicas. Mas logo ficaria claro que sua posição no tribunal era difícilíssima, que ele estava sendo julgado por todo o seu passado de escândalos, e que seu comportamento, naquele recinto, estava apenas piorando suas perspectivas.

O processo acabou ampliado para uma questão da Coroa contra Wilde por causa dos “crimes de homossexualidade”, e mais relatos foram trazidos à tona, incluindo muitos de relacionamentos do escritor com menores de idade. O resultado final daquele que entrou para a história como um dos primeiros julgamentos de uma celebridade foi a condenação de Wilde à pena máxima para aquele crime, que era de dois anos de prisão com trabalhos forçados. Além disso, ele teve que arcar com os honorários dos advogados de Queensberry, ao mesmo tempo em que sua renda evaporava. Ao ser preso, Wilde estava emocional e financeiramente quebrado.

Oscar Wilde ficou preso de maio de 1895 a maio de 1897. Os primeiros tempos foram passados, em sequência, em três terríveis instituições penais, em Londres, sob condições duríssimas, que ajudaram a destruir a saúde do escritor. Em pouco tempo, exausto e com fome, ele entrou em colapso, desabando no chão e, na queda, rompeu um tímpano. Ficou dois meses no hospital da cadeia. Um deputado liberal o visitou na prisão e conseguiu uma transferência para a “menos pior” penitenciária Reading Gaol, a cerca de cinquenta quilômetros da capital, onde Wilde ficaria até o cumprimento final da pena.

Quando deixou a prisão, em 19 de maio de 1897, Oscar Wilde imediatamente embarcou para a França, para jamais retornar à Inglaterra. Ele não tinha mais dinheiro, nem saúde, nem família. Sua esposa, Constance, deixou Londres com os filhos assim que o escândalo explodiu. Ela foi inicialmente para a Suíça, para a casa de um irmão e, para protegê-los de escândalos, mudou o sobrenome dos meninos para Holland. Constance morreu em 1898, e os tutores das crianças, todos da família dela, impediram que eles voltassem a ver o pai, que, de resto, não viveria muito mais. E isso mesmo se sabendo que Oscar Wilde, antes da prisão, tinha sido um pai presente e amoroso.

Os poucos amigos que restaram a Wilde depois do período encarcerado o ajudaram a viver na França, onde ele continuou a escrever e revisar sua obra, mas, de todo modo, o sofrimento não duraria muito: em 30 de novembro de 1900, dois anos e meio após deixar a prisão, Oscar Wilde morreu, provavelmente vítima de uma meningite. Tinha apenas 46 anos de idade, com uma carreira artística de pouco mais de 15 anos. Junto a outros cerca de 50 mil condenados pelo “crime de homossexualidade”, Wilde foi oficialmente perdoado em 2017, a partir da revogação, no Reino Unido, em 1967 (só em 1967!!!), da lei usada para condená-lo.

○ RETRATO DE DORIAN GRAY

Com a maestria com que foi escrito, é impressionante que *O Retrato de Dorian Gray* seja o único romance de alguém que jamais pretendeu ser romancista. De fato, Oscar Wilde era, antes de mais nada, um dramaturgo, além de autor de ensaios, contos e poemas. Era também, como vimos, um polemista ativo, autor de frases cortantes e sempre disposto a chocar a sociedade. E também é preciso dizer que *Dorian Gray* não nasceu do nada, de maneira espontânea. Em 30 de agosto de 1889, o editor da revista *Lippincot's*, J. M. Stoddart, em busca de conteúdo para publicação, jantou em Londres com Oscar Wilde e Arthur Conan Doyle, a fim de tentar convencê-los a escrever um romance para a revista. Ambos aceitaram e, pouco tempo depois, Doyle enviou a Stoddart o segundo romance de Sherlock Holmes. Wilde levaria um pouco mais de tempo, mas, em fevereiro do ano seguinte, a primeira versão de *Dorian Gray* foi entregue. Stoddart ficou impressionado com a qualidade da obra, mas alertou o dono do periódico, George Lippincott, de que parte do

conteúdo não seria adequado para “mulheres inocentes”, e fez pesadas edições no original, apagando, sem o consentimento de Wilde, cerca de quinhentas palavras. Mas, mesmo com as alterações feitas, *Dorian Gray* escandalizaria boa parte dos leitores e das leitoras. E por quê?

O livro, que tem paralelos com o *Fausto*, de Goethe, conta a história de um jovem de extrema beleza, Dorian Gray, que tem seu retrato feito por um pintor famoso, Basil Hallward. Motivado pelos comentários hedonistas e cínicos de Lorde Henry Wotton, um amigo do pintor, Dorian se apavora com a ideia de envelhecer e perder a beleza, e deseja (diferentemente de *Fausto*, aqui não há, explicitamente, um acordo com o diabo) que o retrato envelheça em seu lugar. O desejo é atendido, e, com o passar do tempo, é exatamente isso que acontece. Mas, quando se mexe com as poderosas forças da natureza, as consequências podem ser muito ruins, e uma série de infortúnios acabarão por acometer não só Dorian como também o pintor, Basil, e a bela atriz Sybil Vane.

O mais interessante em *O Retrato de Dorian Gray* não é a história em si, mas a beleza com que é escrito e o quadro que pinta da sociedade londrina daqueles anos, especialmente nos meios aristocráticos e artísticos. As frases cínicas de Lorde Henry, por exemplo, lembram muito as do próprio Wilde. Uma série de preconceitos são manifestados, como antissemitismo e machismo, os quais, ainda que colocados na boca de personagens, deixam no ar a suspeita se não seriam opiniões do próprio Wilde. Mas devemos sempre ter a cautela de não confundir autor com narrador ou personagens. Ainda assim, se é para dar palpite, me parece mais provável que Wilde concordasse com o antissemitismo do que com o machismo de seus personagens. O primeiro preconceito era muito comum, na época, nos meios em que ele circulava, mas o segundo me parece mais duvidoso, uma vez que Wilde foi muito próximo, e respeitava imensamente, algumas das mulheres mais interessantes de sua época, como, por exemplo, a atriz Sarah Bernhard. De qualquer modo, concordando ou não o autor com tais posições, eram visões que circulavam no universo em que ele vivia e em que se passa a história; ainda mais importante, devemos sempre nos lembrar de que Wilde adorava polêmicas, e não raramente dizia coisas, mesmo que não concordasse com elas, para pura e simplesmente chocar as pessoas.

Mas não foi nada disso que preocupou Stoddart, o editor da *Lippincott's*, e sim as referências, muito pouco sutis, ao amor homoerótico. Na versão



AMOROTRA

CAPÍTULO

1





O ateliê estava tomado pelo cheiro intenso de rosas, e quando o gentil vento do verão agitou as árvores do jardim, o aroma pesado dos lilases, ou o mais delicado perfume das roseiras espinhosas florescendo, veio pela porta aberta.

Do canto do divã de tapeçaria persa no qual ele se deitava, fumando, como de costume, incontáveis cigarros, Lorde Henry Wotton conseguia apenas captar de soslaio o desabrochar doce e cor de mel de um laburno, cujos galhos trêmulos mal pareciam capazes de suportar o fardo de uma beleza tão incandescente como aquela; e vez ou outra, as fantásticas sombras dos pássaros voando passavam através das longas cortinas de tussor acetinado que estavam esticadas em frente à enorme janela, produzindo um tipo momentâneo de efeito japonês e fazendo-o pensar naqueles pintores de rosto pálido, cansado, de Tóquio, que através do meio de uma arte que é necessariamente imóvel, buscam transmitir o sentimento de agilidade e movimento. O murmúrio sutil das abelhas traçando seu caminho através da grama descuidada, ou circulando com insistência monótona as empoeiradas galhadas douradas da videira dispersa, pareciam tornar a quietude mais opressora. O minguante rugido de Londres era como uma nota vinda do tubo de um órgão distante.

No centro do cômodo, apinhado em um cavalete montado, ficava o retrato em tamanho real de um jovem de extraordinária beleza pessoal, e diante dele, a pouca distância, estava o próprio artista, Basil Hallward, cujo repentino desaparecimento alguns anos antes causou, à época, tanta comoção pública, e fez surgir várias conjecturas estranhas.

Enquanto o pintor olhava para a forma graciosa e atraente que ele tão habilmente espelhara em sua arte, um sorriso de satisfação passou por seu rosto, e pareceu demorar-se lá. Mas ele subitamente se sobressaltou, e fechando os olhos, colocou os dedos sobre as pálpebras, como se buscasse aprisionar dentro do cérebro algum sonho curioso do qual temia acordar.

— É o seu melhor trabalho, Basil, a melhor coisa que já fez — disse Lorde Henry, languidamente. — Você certamente deve enviá-lo ano que vem a Grosvenor. A Academia é muito ampla e muito vulgar. Sempre que eu fui lá, ou havia tanta gente que eu não conseguia ver os retratos,

